

YES, NÓS TEMOS INGLÊS! QUAL?

Aline Cajé Bernardo (doutoranda/UFS)

Resumo: O mundo globalizado tem trazido diversas transformações sociais e culturais, requerendo dos indivíduos novas competências, inclusive linguísticas, o que envolve o domínio de uma ou mais de uma língua estrangeira. Nesse contexto, o inglês é considerado como o idioma da globalização, sendo amplamente ensinado nas escolas de todo o mundo. Entendemos o domínio de uma língua estrangeira como um bem cultural a que todos devem ter acesso através de um ensino de qualidade, a fim de possibilitar uma maior compreensão do mundo e de não se perder “o bonde da história” (RAJAGOPALAN, 2005, p. 149). Portanto o objetivo desse artigo é propor uma reflexão acerca do que vem a ser esse “inglês” ensinado e que competências e habilidades são esperadas dos estudantes desse idioma na escola básica brasileira, à luz das considerações de autores como Paiva (2005), Gimenez (2011), Ortiz (2008), Rajagopalan (2005; 2009) e dos PCN, bem como lançar um olhar crítico sobre a maneira em que o seu ensino tem sido realizado com base em Perin (2005).

Palavras-chave: Língua inglesa. Ensino/Aprendizagem. Globalização.

A aprendizagem de uma língua estrangeira na atualidade é considerada de extrema importância. Afirma-se sobre os que não detêm esse conhecimento como estando privados do acesso a informações e conhecimentos compartilhados ao redor do mundo, que poderiam contribuir para seu desenvolvimento pessoal e para o exercício da plena cidadania. Almeida Filho (2003, p. 31) afirma que “a aprendizagem de pelo menos uma outra língua é de fato uma oportunidade única para nos livrarmos das limitações que o monolinguismo impõe à formação de cidadãos cultos e preparados para a vida contemporânea”. Leffa (2009, p. 123) declara que “não conhecer uma língua estrangeira no mundo atual é como desconhecer a escrita numa sociedade letrada, ou não ter acesso à informação numa economia baseada no conhecimento”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino de línguas estrangeiras (BRASIL, 1998) chamam a atenção para a importância desse conhecimento na formação integral do indivíduo, ao enfatizar que ele contribui para a construção da cidadania, da autopercepção e para o desenvolvimento da consciência cultural e do engajamento discursivo necessários à ação no mundo social.

O mundo atual vive os efeitos de mudanças ocorridas na estrutura do capitalismo, mais acentuadamente, a partir da década de 80. Essas mudanças resultaram na abertura das fronteiras, possibilitando um maior fluxo não só de bens e serviços como também de informações entre culturas diferentes. A esse fenômeno predominantemente econômico, mas com repercussões também culturais, chamou-se globalização, que é compreendida neste artigo como sendo “um conjunto de redes percorridas por fluxos (de capitais, de informações, de populações)”, em que ocorre a “generalização do uso do inglês ou de uma língua internacional baseada nesse idioma” (CHARLOT, 2005, p. 133).

A língua inglesa é vista como a língua da globalização, tendo alcançado o status de *língua franca* das organizações internacionais, da comunicação científica e da Internet. Além disso, vários pesquisadores são unânimes em concordar que esta é a língua estrangeira mais ensinada em todo o mundo. Paiva (2005, p. 10) afirma que “estudar inglês tornou-se um fenômeno mundial”. Nessa mesma direção, Pilhion (2008, p. 30), argumentando sobre o ensino de idiomas na União Europeia e no mundo, informa que o inglês ocupa uma posição dominante nos sistemas educativos dos países não anglófonos e é considerado como parte integrante dos saberes fundamentais a que os estudantes devem ter acesso.

Não perdendo de vista que o inglês é o idioma da principal potência econômica mundial e que historicamente tem estado a serviço de seus propósitos imperialistas, compreendemos que a resistência à aprendizagem desse idioma seria contraproducente. Isso não significa que pretendemos endossar que uma língua ou cultura seja superior a outra, mas compreendemos a língua estrangeira como um bem cultural a que todos deveriam ter acesso, e que a globalização e a consequente difusão do inglês são fenômenos irreversíveis que requerem dos indivíduos, entre outras coisas, o domínio dessa língua internacional, a fim de que não percam “o bonde da história” (RAJAGOPALAN, 2005a, p. 149) e consigam dominar o inglês “ao invés de serem dominados por ele” (RAJAGOPALAN, 2005b, p. 37).

Uma das consequências da difusão do inglês em escala mundial é a sua própria modificação, pois um idioma utilizado nas mais diversas partes do mundo é passível de alterações realizadas por aqueles que o adotam como língua internacional. É por isso que

alguns autores como Rajagopalan (2005a; 2009) utiliza o termo *World English*. Este autor afirma que a língua inglesa não é propriedade desse ou daquele país, devendo ser caracterizada como língua internacional porque há muito deixou de ser monopólio de uma única nação. Para este autor, não faz mais sentido o termo “falantes nativos”, pois essa língua, ou na sua acepção, esse fenômeno linguístico “pertence a todos aqueles que dela fazem uso no seu dia a dia, por mais limitado ou restrito que ele seja (como consultar bibliografia, ouvir músicas, ler manuais de instrução, etc.)”. Já outros autores como Kachru (*apud* Brown, 2000) utilizam a expressão no plural *World Englishes*.

O inglês é a língua estrangeira mais ensinada também no Brasil. No entanto, as pesquisas têm apontado que seu ensino tem sido incapaz de garantir um conhecimento básico da língua e de seus usos no mundo contemporâneo. Em todo o país, as pesquisas detectam problemas concernentes ao ensino de língua estrangeira e eles estão principalmente relacionados a condições materiais inadequadas, falta do livro didático, classes numerosas, indisciplina, carga horária reduzida, professores não qualificados e utilização de metodologias ultrapassadas que desanimam os alunos. (WALKER, 2003; PERIN, 2005; OLIVEIRA, 2009).

A esse respeito, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio insinuam que o insucesso do ensino de inglês na escola regular é resultante da diferença entre seus objetivos e as expectativas criadas a esse respeito, em outras palavras, é devido ao desconhecimento dos reais objetivos desse ensino, argumentando que o inglês ensinado nos cursos particulares de idiomas tem uma função instrumental, enquanto na escola regular ele visa a uma formação geral do indivíduo.

O fato é que a sociedade brasileira parece requerer um ensino de inglês que extrapole meramente a função formativa, visto que algumas famílias colocam seus filhos em cursos livres de idiomas - isto é, aquelas famílias que podem pagar -, pois uma língua estrangeira é exigida nos exames do ENEM, vestibulares, alguns concursos, provas de proficiência nas universidades, a exemplo do difícil TOFEL, que podem propiciar o acesso a intercâmbios em outros países, tendo em vista a tendência de internacionalização do ensino. O idioma também é requerido nas provas de proficiência para os cursos de pós-

graduação *stricto sensu*. De modo que os que não podem arcar com as despesas de um curso particular de idiomas, parecem estar em desvantagem no que concerne à aprendizagem do inglês, sem mencionar que a educação é um direito garantido pela Constituição.

As pesquisas que tratam do ensino de línguas estrangeiras e, por extensão, do ensino de inglês na escola regular, especialmente na escola pública, são unânimes em afirmar que este ensino apresenta problemas. Parece estar em descompasso com o que se espera de uma língua franca de integrar a comunicação em escala mundial. Berger (2005, p. 14) ressalta que:

O ensino de língua inglesa que está sendo ministrado na maioria das escolas de ensino fundamental e médio brasileiras ainda faz uso de metodologia ultrapassada, baseada na prática da tradução e no ensino da gramática, não contemplando as quatro habilidades lingüísticas já citadas. Tal quadro constitui-se como problemático, visto que esse tipo de ensino não desenvolve no aprendiz todas as habilidades lingüísticas necessárias para a prática comunicativa, hoje tão importante para a formação do cidadão, que está cada vez mais inserido em uma sociedade globalizada, marcada pela troca de informações.

Walker (2003, p. 47) afirma que a situação do ensino de inglês na escola pública, por exemplo, apresenta um “quadro desolador”. Almeida Filho (2003, p. 29-31) declara que “o ensino regular de língua nas escolas regulares produz resultados menores do que as expectativas do público e muito menores do que os especialistas cogitam”. Esse mesmo autor chega a afirmar que o ensino de línguas no Brasil apresenta um “quadro desbotado”, pois “a prática secular no Brasil privilegia o estudo da língua pela língua, muita forma gramatical que se enfeixa num colar de conhecimentos desaplicados que se vão de nossa memória sem aviso prévio”.

Perin 2005 (p. 150) aponta alguns problemas que ocorrem no dia a dia do ensino de inglês em uma escola pública de Maringá, no estado do Paraná:

A alta rotatividade de professores faz com que muitos, por não se estabelecerem por muito tempo em uma escola, não se mostrem engajados e interessados em se desenvolverem individualmente e em grupo [...] o que os faz partir para práticas de atuação individualizada. Este trabalho

individualizado produzido pelo entra-e-sai de professores faz com que um programa progressivo para a disciplina não seja desenvolvido, causando em grande parte dos alunos e em alguns gestores escolares a sensação de não progressão e continuidade dos conteúdos. A sensação é de se estar sempre ensinando e aprendendo a mesma coisa, o que acarreta na definição de não-seriedade da atuação do professor e na conseqüente desvalorização da disciplina dentro da instituição. (PERIN, 2005, p. 151)

Alguns resultados obtidos em minha pesquisa de mestrado corroboraram esse quadro negativo apontado pelos autores supracitados, e permitiram também entrever as expectativas dos alunos sobre como deveriam ser suas aulas de inglês. Os depoimentos destacaram a monotonia das aulas, a repetição exaustiva de conteúdos gramaticais desarticulados do uso do idioma, além da constatação por parte dos entrevistados de que o(a) professor(a) deveria falar mais inglês na sala de aula. Houve também relatos sobre a impressão de que o inglês na escola era ensinado de forma muito “básica” ou “fraca” (BERNARDO, 2010).

Na pesquisa de mestrado citada foram utilizados questionários semiestruturados e entrevistas, nas quais 115 estudantes, tanto da escola pública como da particular, relataram a respeito dos conteúdos ensinados:

Espero aprender a falar coisas mais complexas e não aquele negocinho de alfabeto, de it, he, she, eu não aguento mais estudar isso. [...] Acho que deveria ser uma coisa que preste, não a mesma coisa de sempre. [...] Porque eu sempre aprendo as mesmas coisas. (Se eu fosse professor de Inglês), cada ano seria diferente. Porque todo santo inglês é igual, sempre aprende a mesma coisa. (Estudante da 6ª série de uma escola particular)

A fala desse estudante ilustra a afirmação de Perin (2005) quanto à descontinuidade de conteúdos, bem como revela uma extrema insatisfação com os mesmos. O estudante até mesmo inverte a ordem dos pronomes pessoais, possivelmente numa tentativa de demonstrar o tédio e de expressar a monotonia das aulas. Outros alunos, comparando o ensino da escola ao dos cursinhos livres, declaram:

Porque na escola é mais a escrita e no curso se aprende mais a falar e a colocar as palavras numa frase, num texto. Na escola é um inglês bem básico. No cursinho, ensinam a pessoa a se comunicar, treinar a habilidade

de compreensão nas conversas (listening) e fazem uma base na escrita. Pois o inglês escolar é um inglês básico, só para os alunos saberem um pouco, já nos cursinhos, eles preparam a pessoa para sair dali sabendo inglês o suficiente para se comunicar no exterior. (Estudante da escola particular / 9º ano)

Porque as professoras do colégio não ensinam tudo... Aqui pra a gente (os da escola pública) só começa na quinta série (6º ano), então a gente aprende as coisas que tinha que aprender na primeira série. (Estudante da escola pública / 6º ano)

Outro aluno, ao ser perguntado sobre o que aprendeu em inglês na escola, respondeu:

Os verbos. Aprendi os verbos, aprendi.... a como transferir as frases do português para o inglês e de inglês para o português, aprendi também a conjugar os verbos, o “to be” ou ... vários verbos, aprendi várias coisas assim. No cursinho já é especificado a você falar inglês, não é verbos assim não. Aqui no colégio é mais os verbos e você aprende a teoria, lá já é a prática. (Entrevista / Aluno da escola particular/ 9º ano)

Alguns depoimentos enfatizaram o anseio por uma forma de explicação mais paciente e calma:

Porque eu ensinaria a outras pessoas muito bem e se elas não entendessem, eu iria explicar com calma. (Aluna da escola pública / 6º ano).

A mesma aluna confirmou, em entrevista, a necessidade de compreender melhor o que a professora ensinava. Quando fizemos a seguinte pergunta: “O que leva uma pessoa a estudar em um curso de idiomas se ela já estuda inglês na escola?”, ela respondeu:

Porque a professora aqui não ensina bem. É ... assim ... ela vai para o quadro e fica lá mais de meia hora ... porque a professora passa o dever mas não explica. Ela fica com ... eh ... preguiça de fazer, eu acho ... aí, ela chega e apaga o quadro. Não dá tempo de copiar. (Idem)

Aprender inglês dessa forma assemelha-se a uma luta que consiste em copiar demais em uma língua estrangeira, algo que leva tempo e não é agradável, especialmente para as crianças mais novas. Não foi proporcionado tempo suficiente para a aluna terminar sua tarefa de copiar. Além de não ter conseguido cumprir o tempo destinado a essa atividade, ela

se viu privada da explicação. Dessa forma, a língua não se “desestrangeiriza” para ela (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 15).

Na escola particular, quando perguntados sobre como seriam suas aulas se eles fossem professores de inglês, os alunos afirmaram que a professora deveria utilizar mais a língua alvo durante as aulas:

(Minha aula) seria toda em inglês. Porque eu acho que assim iria incentivar meus alunos a falarem, escreverem ... fazer tudo na aula em inglês, inclusive pedir para ir ao banheiro só em inglês, se pedisse em português eu não deixaria. (Aluno da escola particular / 9º ano)

Outro aluno da mesma escola e do mesmo ano acrescentou:

Para começar, eu só falaria inglês. Para mim, você só consegue entender um idioma se você usá-lo. Portanto, utilizar somente o inglês na aula é fundamental para “dominá-lo”. (Aluno da escola particular / 9º ano, grifo do aluno)

No 6º ano da escola particular também são encontradas “sugestões” desse tipo:

Eu iria falar para os alunos em inglês. (Aluna da escola particular / 6º ano).
Os alunos deveriam falar o máximo em inglês. Para se adaptar ao vocabulário em inglês. (Aluno da escola particular / 6º ano).

Enquanto os alunos da escola pública referem-se à necessidade de uma explicação melhor do assunto em língua materna, os da escola particular, que, muitas vezes, contam com recursos extracurriculares, como o acesso aos cursos de idiomas, por exemplo, percebem-se como prontos para a utilização da língua-alvo na comunicação oral.

Depois das respostas que colocam em evidência a atuação do professor, a maioria das ocorrências sobre o tipo de aulas que esses alunos desejavam ressaltava a preferência pela utilização dos aspectos lúdicos no ensino. Querem aulas dinâmicas, com brincadeiras, jogos e música:

Interativa, pois acho que para se aprender com mais facilidade é preciso se divertir um pouco, ensinaria através de jogos, brincadeiras e músicas, etc. (Aluno da escola particular / 9º ano)

Minha aula seria com brincadeira. Porque os alunos aprendem mais rápido o inglês com uma brincadeira. (Aluno da escola pública / 9º ano)

Seria divertida e descontraída, com brincadeiras. Pois sei que ninguém gosta de ter aula de idiomas chata, com monotonia. (Aluno da escola particular / 9º ano)

Bem divertida. Eu levaria jogos em inglês, levaria música em inglês para aprender e etc. (Aluna da escola pública / 6º ano)

Com jogos, músicas, vídeos, atividades, etc. (Aluno da escola pública / 6º ano)

Divertida, interagindo com meus alunos. Porque assim a criança aprende. (Aluno da escola particular / 6º ano)

Nas situações de aprendizagem o lúdico desempenha um papel muito importante. Ultimamente, o “aprender brincando” parece estar na preferência não só de crianças e adolescentes, mas também dos próprios adultos. Vygotsky (1998, p. 136) destacou a importância do brinquedo no desenvolvimento da criança e afirmou que na idade escolar, ele “não desaparece, mas permeia a atitude em relação à realidade. Ele tem sua própria continuação interior na instrução escolar e no trabalho (atividade compulsória baseada em regras)”. Este mesmo autor explica que as brincadeiras de uma criança no final do seu desenvolvimento apresentam outro estágio, com o surgimento de regras que contribuem para evitar que tais atividades tornem-se entediantes e sem atrativo para ela. Ensinar utilizando recursos lúdicos requer cuidadoso planejamento e clareza de objetivos para que as brincadeiras sejam bem reguladas, visando a um objetivo mais específico que é o de possibilitar a aprendizagem.

Vimos relatos sobre os conteúdos centrados predominantemente em aspectos gramaticais, sobre as práticas voltadas para a memorização e a cópia, metodologias que visam à tradução de frases e o uso escasso do idioma alvo na sala de aula. Vimos também que a expectativa dos estudantes pesquisados é de aprender uma língua estrangeira para fins comunicativos e esse desejo está bem sintonizado com as demandas da atualidade. Berger (2005) argumenta que no atual mundo globalizado, em que a língua inglesa tem sido usada como elemento facilitador em diversas situações de comunicação, seu aprendizado efetivo é

uma necessidade. Ela considera um aprendizado efetivo aquele que capacite o aprendiz a interagir e a negociar utilizando a língua inglesa em diferentes situações.

Portanto, torna-se necessário refletirmos sobre o que consiste o inglês que, em geral, se ensina nas escolas. Será que ele contribui para que os estudantes desenvolvam habilidades comunicativas, abordam temas correntes como a diversidade cultural que os possibilitem compreender melhor esse mundo globalizado? Ou se ensina apenas os verbos e um parco vocabulário? Esse inglês lança sólidas bases para os testes de proficiência para os que querem entrar e prosseguir na carreira acadêmica? Poderia o *World English* ou *World Englishes* apresentar-se como alternativa para o ensino nesse mundo globalizado? Para isso seria necessário também que as pesquisas se debruçassem para analisar o que significa esse *World English* linguisticamente falando, ao invés de pairar no óbvio de que é o idioma da globalização (ORTIZ, 2008)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou trazer uma reflexão a respeito do papel da língua inglesa no mundo contemporâneo e sobre o que tem sido ensinado como inglês nas escolas regulares do Brasil. Além de apresentar ponderações dos pesquisadores em nível nacional sobre esse ensino, destacou alguns resultados de uma pesquisa local realizada pela autora em nível de mestrado, que estão sendo aprofundados na pesquisa de doutorado que se encontra em andamento.

Os alunos apercebem-se das condições efetivas em que o inglês é ensinado na escola e através de seus comentários nota-se que esta instância não tem conseguido capacitá-los a falar, ler e escrever esse idioma, inclusive a literatura sobre o assunto tem apontado para essa constatação. Isso se torna mais grave ainda, considerando-se que a língua estrangeira é um bem cultural (ALMEIDA FILHO, 2005), cujo ensino de qualidade, pelo menos em nível básico, deveria estar acessível a todos. Os que têm recursos econômicos, se desejarem, podem

recorrer à alternativa do curso particular. Os oriundos das classes populares revelaram que se sentem prejudicados, porque não podem pagar “um cursinho”.

Da maneira como o inglês tem sido ensinado na escola dificilmente pode lograr êxito em mobilizar os alunos a engajarem-se nesse aprendizado, especialmente com o contínuo e veloz desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação em que imperam as redes sociais como grandes atrativos e concorrentes para as aulas tradicionais. Para além das razões de cunho prático e imediato, aprender uma língua estrangeira é também tornar-se um outro (REVUZ, 1998), ressignificando nossas identidades e nossas relações com os outros e com o mundo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Ontem e hoje no ensino de línguas no Brasil. In: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; CUNHA, Maria Jandira Cavalcanti. *Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: EDUnB, 2003. p. 19-34.

BERGER, Maria Amália Façanha. *O papel da língua inglesa no contexto de globalização da economia e as implicações do uso de NTICs no processo de ensino aprendizagem desse idioma*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2005.

BERNARDO, Aline Cajé. *Relações como o aprender: um estudo sobre a aprendizagem de língua inglesa no ensino fundamental*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROWN, H. D. *Principles of language learning and teaching*. 4. ed. New York: Longman, 2000.

CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação de hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIMENEZ, Telma. Permanências e rupturas no ensino de inglês em contexto brasileiro. In: LIMA, Diógenes C. *Inglês em escolas públicas não funciona?* Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 47-54.

LEFFA, Vilson José. Por um ensino de idiomas mais incluyente no contexto social atual. In: LIMA, D. C. de (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 113-123.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 21-30.

ORTIZ, Renato. *A diversidade dos sotaques: o inglês e as ciências sociais*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de O. (Org.). *Ensino de Língua Inglesa: reflexões e experiências*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

PERIN, Jussara. O. R. Ensino/aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas: o real e o ideal. In: GIMENEZ, T.; JORDÃO, C. M.; ANDREOTTI, V. (orgs.). *Perspectivas Educacionais e ensino de inglês na escola pública*. Pelotas: EDUCAT, 2005. p. 143-157.

PILHION, Roger. *Vers une politique européenne de l'enseignement des langues. Revue Internationale d'Éducation. Sèvres, n. 47, p. 27-35, avr. 2008.*

RAJAGOPALAN, Kanavilil. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: Por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Y. (org.); RAJAGOPALAN, K. *A geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005a. p. 135-159.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. O grande desafio: aprender a dominar a língua inglesa sem ser dominado/a por ela. GIMENEZ, T.; JORDÃO, C. M.; ANDREOTTI, V. (Orgs.). In *Perspectivas educacionais e o ensino de inglês na escola pública*. Pelotas: EDUCAT, 2005b. p. 37-48.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. O inglês como língua internacional na prática docente. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 39-46.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Tradução de Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, I. (org.). *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovietch. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

WALKER, Sarah. Uma visão geral do ensino de inglês no Brasil. In: **STEVENS**, Cristina Maria Teixeira; **CUNHA**, Maria Jandira Cavalcanti. *Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: EDUnB, 2003. p. 35-52.

Realização



Apelo

